

ENTRE DAMAS E VADIAS: UM OLHAR SOBRE AS FEMINILIDADES CONSTITUÍDAS NO DISCURSO DA IMPRENSA

BETWEEN LADIES AND SLUTS: A LOOK AT THE FEMINILITIES CONSTITUTED IN THE PRESS SPEECH

Gessica Aline Silva¹

Ivonete Pereira²

Resumo: O presente artigo tem por objetivo investigar modelos de feminilidades que circulavam entre os anos 1960 e 1970, no Brasil. Nossa abordagem busca diminuir a escala de observação a fim de analisar o contexto micro de uma cidade no interior do Paraná, percebendo os diálogos e articulações desse recorte com a realidade macro; para tanto, focamos nossas análises na cidade de Maringá, utilizando como fonte histórica as colunas sociais e policiais do principal jornal diário da cidade, a Folha do Norte do Paraná. A partir de nossa investigação analisamos como foram articulados diferentes discursos sobre as normas de gênero e os papéis sociais designados às mulheres, bem como a forma que o periódico organizava seu discurso de modo que constituía dois principais modelos de feminilidades, colocados de maneira complementar, oposta e hierarquizada: mulheres “de bem” e as prostitutas.

Palavra-chave: Imprensa; Feminilidades; Gênero.

300

Abstract: This research has as objective to investigate femininities models, which were present in Brazil during 1960 and 1970. Our approach decreases the scale of observation in order to analyze a micro context of a city in the countryside of Paraná state, also perceiving its dialogues and combinations with the macro reality; for such, we focused our analysis in the city of Maringá, by using as historical source the social and police columns of the main daily newspaper of the city, the Folha do Norte do Paraná. Based on our investigation we analyzed how different discourses on gender norms and the social roles assigned to women were articulated, as well as the way the newspaper organized its discourse in a way that constituted two main models of femininity, placed in a complementary, opposite way and hierarchical: “good” women and prostitutes.

Keywords: Press; Femininities; Gender.

Notas iniciais

¹ Mestre em História - Doutoranda – Programa de Pós-graduação em História – Unioeste – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste/PPGH – Brasil. Bolsista Capes. E-mail: gessica58@hotmail.com.

² Pós-doutora em História – Programa de Pós-graduação em História – UFSC – Universidade Estadual de Santa Catarina – UFSC/PPGH – Brasil. Professora adjunta da Graduação e Pós-graduação em História - Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: ivi.pereira21@gmail.com.

Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil

Na segunda metade do século XX as revisões no campo da historiografia ampliaram significativamente o arcabouço de fontes, objetos, sujeitos e conceitos históricos. Entre os anos 1970 e 1980 uma série de trabalhos publicados destacaram a presença das mulheres na história³. Além disso, a constituição de uma História das Mulheres contribuiu para questionar o sujeito universal – sempre masculino – indicando outras experiências e vivências. O conceito de gênero, popularizado no Brasil, a partir da tradução do artigo “Gênero: uma categoria útil para a análise histórica”⁴ da historiadora norte-americana Joan Scott (1994), se constituiu como outro fator que influenciou na desnaturalização das categorias de feminino e masculino, apontando para o caráter social, econômico e cultural de tais construções perpassadas por relações de poder.

Além disso, ao considerar também as contribuições advindas das organizações e movimentos feministas e de mulheres, que no século XX foram responsáveis por uma série de conquistas relacionadas à educação, ao trabalho, à maternidade, entre outras, podemos observar como as noções de masculinidades e feminilidades foram, e ainda são questionadas e analisadas com diferentes perspectivas e olhares teóricos. Dessa feita, no presente artigo, buscamos analisar, a partir da investigação da cidade de Maringá, alguns dos discursos produzidos sobre as figuras femininas presentes na urbe entre os anos de 1960 e 1970.

Nossa abordagem busca diminuir a escala de observação, a fim de analisar o contexto micro de uma cidade no interior do Paraná, percebendo os diálogos e articulações desse recorte com a realidade macro, uma vez que os discursos normatizadores que circulavam nesta cidade, seguem uma padronização existente

³ Ver: DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1984; RAGO, Luzia Margareth. Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985; LEITE, Miriam Moreira (Org.). A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX: antologia de textos de viajantes estrangeiros. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória, 1984. ESTEVES, Martha de Abreu. Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989; SOIHET, Rachel. Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989; SAMARA, Eni de Mesquita. As mulheres, o poder e a família: São Paulo século XIX. São Paulo: Marco Zero; Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1989; ENGEL, Magali. Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo: Brasiliense, 1989.

⁴ Conforme Joan Scott (1994, p. 21) o gênero é “[...] um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos [e sendo] uma forma primeira de significar as relações de poder”.

Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil

nas principais cidades do país⁵. Dessa maneira, construímos nossa pesquisa com base na análise dos discursos⁶ presente no principal jornal produzido em Maringá no período, a Folha do Norte do Paraná. Compreendemos que diante da pluralidade dos perfis femininos que circulavam no espaço urbano entre os anos 1960 e 1970, o periódico, ao produzir seu conteúdo, selecionava e representava em suas páginas, apenas uma parcela dessas mulheres, criando, a partir delas, padrões de condutas, de comportamento e de estilos de vidas.

Por meio de um referencial teórico inserido no campo da História das Mulheres e dos Estudos de Gênero concebemos que as normas de etiqueta, os vestuários, o consumo, os trejeitos, as formas de sociabilidades, as práticas e os espaços frequentados pelas mulheres maringaenses eram influenciados por diferentes discursos. Por essa razão, focamos nossa análise na maneira como a Folha do Norte do Paraná, a partir de figuras presentes na sociedade de Maringá, constituía significados, determinando e associando sujeitos a juízos éticos e morais.

Além disso, compreendemos que o Jornal, como um mediador social, hierarquizava e separava essas mulheres de acordo com os valores morais adotados pelo periódico, com os preceitos e os vínculos sociais que perpassavam sua produção. Assim, entendemos que as imagens construídas na Folha do Norte do Paraná, constituíam modelos de feminilidades opostas, relacionais e complementares, sendo necessárias umas às outras.

Neste artigo buscamos, portanto, discutir as feminilidades construídas pelo Jornal, especialmente, em suas colunas sociais e policiais, ou seja, problematizar como seus conteúdos e suas orientações formavam uma série de atributos e de qualidades identificadas como femininas. Para tanto, em um primeiro momento nos concentramos em apresentar o contexto local em que foram construídos tais

⁵ Alguns estudos citados ao longo deste trabalho (ex. PEREIRA, 2004; ENGEL, 1988; FÁVERI, 1996) mostram que no Brasil a padronização dos discursos acerca das feminilidades socialmente aceitas se solidificam no início de século XX com o surgimento dos chamados “novos saberes”, que passaram a regular a vida das pessoas, bem como suas práticas e ações.

⁶ Adotamos como metodologia em nossa investigação a Análise do Discurso, de acordo com as colocações de Michel Foucault (2014), compreendendo que essa não se restringem a questões linguísticas, mas engloba a emergência e as condições dos enunciados. Além disso, consideramos que os discursos instauram objetos, circunscrevem conceitos, legitimam sujeitos anunciadores e fixam estratégias de anúncio. Por fim, entendemos que a produção discursiva “[...] é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 2014, p. 08).

discursos, passando posteriormente à análise dos discursos associados às feminilidades presentes no periódico.

Da trama urbana às folhas da imprensa

A relação entre a imprensa e seu contexto está envolta em uma rede complexas de negociações, usos e trocas. Em nossa análise compreendemos que a constituição de Maringá e da Folha do Norte do Paraná estão entrelaçadas e articuladas uma à outra, ou seja, o Jornal construía uma narrativa sobre a urbe, ao mesmo tempo em que esta permitia a construção de um tipo de jornalismo. Além disso, consideramos que o periódico e o espaço urbano são grandes influências no processo de constituição das *performances*⁷ de feminilidade imagináveis em sua esfera de circulação. Sendo assim, se torna fundamental a historicização de algumas características de ambas.

303

Em relação à construção e desenvolvimento de Maringá, distrito elevado a município em 1951, se destacam nos discursos publicitários da imprensa e de uma historiografia dominante, imagens de um espaço urbano planejado, racional e ordeiro. Neste contexto, ganha ênfase o papel da Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná (CMNP), especialmente, a planificação de todas as operações da companhia, que geraram um sucesso empresarial no processo de colonização da região, e o desenho urbano da cidade projetado pelo urbanista Jorge de Macedo Viera, contratado pela companhia para estruturar o espaço urbano (TOMAZ, 2010; CHIES; YOKOO, 2012; OLIVEIRA, 2009).

De acordo como Fabíola Castelo de Souza Cordovil (2010), as fases do desenvolvimento da cidade compreenderiam cinco etapas desde a implantação do plano inicial (1947-1959), a acumulação cafeeira e comercial (1960-1969), a

⁷ Utilizamos o conceito de *performance* de gênero, a partir das contribuições de Judith Butler (2016, p. 56), segundo a qual “o gênero não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é performativamente produzido imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero. Consequentemente, o gênero mostra ser performativo no interior do discurso herdado da metafísica da substância – isto é, constituinte da identidade que supostamente é. Nesse sentido, o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra. (...) não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é performativamente constituída pelas próprias “expressões” tidas como seus resultados.”

Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil

modernização da agricultura (1970-1989), a agroindústria (1980-1985) e a maturidade e verticalização do espaço urbano (1990-1996). Essas características da constituição da cidade de Maringá são importantes para o entendimento do processo de crescimento urbano, uma vez que, tais fatores influenciaram tanto na construção do espaço, como também, da memória, dos relatos e, em especial, das *performances* de gênero.

As discussões sobre o ordenamento, a função e a modernidade do espaço urbano maringaense se desenrolavam, ainda, em um contexto de intensas transformações sociais, como a mecanização das lavouras, o êxodo rural, a intensificação da industrialização, que contribuíram para a produção de novas realidades urbanas, novos hábitos, valores e demandas. Nesse processo, assim como em outras cidades, desenvolveu-se uma série de “[...] *esforços das elites políticas para impor sua visão de mundo e controlar as ‘classes perigosas’* [...]”, bem como para constituir os “[...] *espaços públicos e os meandros que regiam seu usufruto e circulação, as intervenções em nome do sanitarismo e da higiene, a produção cultural e as renovações estética*” (LUCA, 2008, p. 120).

304

Com base nos elementos acima ilustrados, podemos destacar algumas características da sociedade de Maringá, no contexto investigado. Isto é, a preocupação com a preservação e construção de um retrato moderno e cosmopolita da cidade, retrato no qual alguns personagens como a Igreja Católica, a imprensa, as classes dominantes, assumiram o papel de moralizadores. Essas seriam algumas das referências e influências sob as quais o Jornal articulava a composição da sociedade local, bem como a formação das feminilidades.

Sobre o Jornal Folha do Norte, destacamos que seu lançamento ocorreu em 1962, idealizado pelo bispo diocesano D. Jaime Coelho, sua distribuição compreendia 95 cidades do estado do Paraná. A estratégia de divulgação empregada para destacar o periódico na imprensa local foi dar ênfase na novidade e modernidade dos equipamentos empregados em sua produção, que permitiam uma maior qualidade, eficiência e rapidez na impressão.

Durante os 17 anos de funcionamento da Folha do Norte do Paraná, que encerrou suas atividades em 1979, destacam-se dois períodos de mudança em sua administração. O primeiro em 1964 quando, ainda sob administração da Diocese de

Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil

Maringá, o Jornal passou por dificuldades financeiras e administrativas. No ano seguinte, como medida para superar essas adversidades, o bispo arrendou a gerência do periódico para Joaquim Dutra, Samuel Silveira e seu grupo (PAULA, 2018, p. 65).

A segunda mudança ocorreu em 1973, quando, devido a conflitos envolvendo a necessidade de modernizar seus equipamentos gráficos, o grupo reunido por Joaquim Dutra se afastou, levando consigo grande parte da equipe e fundando o Diário do Norte do Paraná, que seria o principal concorrente da Folha (PAULA, 2018). A administração da Folha do Norte do Paraná passaria então para Jorge Fregadolli, publicitário do Jornal desde 1967, que ficaria no comando do periódico até 1979.

Ao observarmos o conteúdo apresentado pelo Jornal percebemos como o periódico possuía um perfil comercial, dialogando com setores empresariais e influenciando no desenvolvimento da cidade, como um polo de referência regional. Além disso, outras influências se faziam presentes nas matérias e notícias da Folha do Norte do Paraná como, por exemplo, seu vínculo com a Igreja Católica refletido em um arcabouço de preceitos morais e representações religiosas acerca da sociedade, da família, dos papéis de gênero, entre outros. Todos estes aspectos nos dão conta das intenções e das expectativas do Jornal, “[...] além de fornecer pistas a respeito da leitura de passado e de futuro compartilhada por seus propugnadores, das ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros, aí incluídos os de caráter publicitário” (LUCA, 2008, p. 138).

Consideramos que os conteúdos veiculados pelos periódicos se apresentam como “[...] uma síntese de seu contexto, ou seja, deixa sistematicamente de fora alguns fatos e aspectos sociais, de acordo com seu interesse” (SILVA, 2013, p. 107.). Sendo assim, a Folha do Norte do Paraná não representa toda a cultura, sociedade e a complexidade da cidade de Maringá, nem dos modelos de feminilidades presentes em seus espaços, pois sua perspectiva é parcial e constituída a partir das referências religiosas, normativas e disciplinares.

Discursos constituintes de feminilidades

Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil

Diante da diversidade de conteúdos apresentados pelo Jornal privilegiamos a análise das colunas sociais e policiais, pois a partir desses espaços do periódico identificamos a vinculação de duas figuras femininas opostas, que, no entanto, estão em diálogo, negociação e complementariedade. Além disso, tendo em vista as características do Jornal e sua inserção social, consideramos que a Folha do Norte do Paraná organizava e hierarquizava em seu discurso determinadas imagens, atributos e posições às mulheres.

Dessa maneira, observamos que a coluna policial apresentava as perigosas e transgressoras “prostitutas”, “vadias”, “mariposas”, “doidivanas” e “mulheres da vida” – nomenclaturas empregadas pelo periódico para descrevê-las –, associando essas mulheres a um modelo de feminilidade distante dos padrões aceitos pela sociedade. Entretanto, as prostitutas não eram as únicas mulheres “transgressoras” apresentadas na coluna policial. Havia também as ladras, as assassinas, as violentas e as escandalosas, enfim, uma série de sujeitos femininos que poderiam ser analisados neste texto, no entanto, fizemos a escolha de priorizar as prostitutas, visto que eram elas as mais evidenciadas no Jornal, além de serem o maior alvo das ações policiais.

A coluna social, por sua vez, procurava apresentar as “senhoras da sociedade” relacionando-as a atributos como pureza, piedade, beleza, delicadeza, recato, moderação, bem como a ambientes de domesticidades, de cuidados do lar, do marido e dos filhos. Sendo assim, ao buscar representar a “alta e boa sociedade” maringense construía um ambiente social pacífico, de magia, de encanto e de harmonia, acompanhando a vida social das principais famílias da cidade. Em relação às figuras femininas se destacavam notas e conteúdos de temáticas como os bailes de debutantes, novidades sobre os namoros, noivados e casamentos, a participação das mulheres da sociedade em eventos sociais como os bailes, as ações de caridade e filantropia, realizadas em clubes como Domadoras do Lions Clube, Senhoras Rotarianas ou Clube da Amizade.

Um exemplo desses eventos é o bazar das domadoras, divulgado pela coluna social em 5 de maio de 1965, organizado pelas “[...] *gentis senhoras esposas dos associados do LIONS CLUBES DE MARINGÁ, oferecendo ao setor feminino de nossa sociedade, artigos por elas confeccionados bonitos e a preços convidativos*” (Folha do

Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil

Norte do Paraná, n. 885, 5/5/1965, p. 4). Em outro trecho da nota, o colunista se dirige novamente às mulheres ao dizer:

Já não é a primeira vez que DOMADORAS levam a realizar com invulgar êxito, o seu BAZAR BENEFICIENTE que sempre conseguiu angariar fundos para as obras assistenciais leonísticas. Evidentemente, as DOMADORAS contam com a sempre precisa colaboração das senhoras de nossa sociedade, no que tange à aquisição dos trabalhos expostos a venda. Portanto, diretamente dirigido só mundo feminino maringaense, o convite para comparecerem e prestigiarem, mais uma vez esta promoção do LIONS CLUBE DE MARINGÁ (Folha do Norte do Paraná, n. 885, 5/5/1965, p. 4).

Observamos como esses textos contribuem na constituição de uma associação entre as obras de assistência, os clubes e as mulheres, principalmente ao repetir e destacar com letras maiúsculas o nome do clube e das domadoras. Para além disso, era informado que as “senhoras da sociedade” sempre colaboravam com essas obras, sendo esse cuidado feminino para com o bem-estar social visto como uma extensão de suas funções maternas para toda a sociedade, como parte de um modelo de feminilidade “ideal”, que conjugava virtudes como abnegação e piedade.

Como indica Ana Paula Vosne Martins (2015), no longo processo de feminilização da bondade, a filantropia contribuiu para que as mulheres assumissem um papel civilizador, intervindo na esfera pública por meio da assistência social. Esse novo lugar _ ofereceu uma valorização da ação feminina, oportunizando novos contatos com os movimentos internacionais e organizações, sendo um espaço de socialização, liderança, visibilidade e distinção social. Assim, _ compreendemos que o engajamento das “damas” maringaense também se constituiu como um meio de projeção social e da formação de alianças e sociabilidades, segundo as quais, essas mulheres poderiam participar ativamente das decisões públicas predominantemente atribuídas aos homens.

Nos anos 1960 e 1970, principalmente, em cidades do interior do país, além do espaço privado e das aventuras femininas no meio público, os clubes sociais se constituíam nos principais locais de encontros e de sociabilidade das mulheres da “boa sociedade” maringaense. Eram nesses salões que ocorriam os principais acontecimentos sociais de suas vidas como os bailes de debutantes, as festas de

Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil

casamento, os eventos e ações de caridade. Como argumenta Marlene Fáveri (1996, p. 96), as associações sociais eram vitrines, locais para estabelecer laços de amizade e casamentos, em que se reunia um grupo de pessoas que compartilhavam os mesmos preceitos morais, onde se articulavam encontros e sociabilidades.

Além disso, em outras edições da coluna social, as “senhoras da sociedade” também eram apresentadas por meio de comentários e fotos, sendo consideradas figuras de destaque e relevância social na prestação da assistência caridosa à população, como podemos observar na nota publicada em 01 de julho de 1968, que apresenta a *“Sra. Oricena Vargas Pinto, primeira dama do Lions Clube de Maringá, segundo informações que nos chegam, estaria disposta a encetar uma grande campanha em prol da APAE, congregando todas as senhoras pertencentes aquela sociedade”*. (Folha do Norte do Paraná, n. 1604, 01/07/1968, p. 4) Podemos perceber como o Jornal buscava destacar sua dedicação para com a comunidade, bem como seu papel de articuladora da sociedade a qual estava veiculada.

Essa apresentação e projeção de perfis femininos permitiam que mulheres como a Sra. Oricena ocupassem espaços públicos, se reunissem e se destacassem em outras atividades para além daquelas que envolviam seus lares, seus maridos e filhos, mesmo que muitos de seus trabalhos assistenciais fossem tidos como extensão de suas funções maternas. De acordo com as proposições de Joana Maria Pedro (PEDRO, 1994, p. 83), sobre a sociedade de Florianópolis no início do século XX, convém dizer que a divulgação e o destaque dados às mulheres da sociedade nas notas sociais se constituíam como um importante mecanismo de hierarquização social. Sendo assim, a apresentação de suas atividades no espaço público contribuía à manutenção de seu *status quo*, bem como à sua ascensão social e de sua família.

Em outra matéria, veiculada em 20 de março de 1968, era divulgado o lançamento da pedra fundamental de um novo pavilhão no Lar dos Velhinhos. Ali, além da presença de alguns senhores doadores, do bispo, o destaque é dado às Irmãs que administravam a instituição e às senhoras do Clube da Amizade e do Rotary Clube de Maringá. Além de enfatizar o envolvimento das mulheres com as ações de caridade, a nota destacava a sua elegância, outro ponto constantemente destacado no discurso da coluna social em relação às figuras femininas, como observamos na seguinte passagem: *“[...] a elegância, por parte das senhoras, predominava”* (Folha

Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil

do Norte do Paraná, n. 1543, 20/3/1968, p. 4). Tal associação nos indica como essa característica seria mais uma marca da feminilidade “ideal”, incorporando aspectos como boa educação, beleza, amabilidade e gentileza.

Compreendemos, assim, como a participação feminina na esfera pública comportava diferentes significados, uma vez que reforçava algumas normativas em relação à moral feminina, ao mesmo tempo em que permitia às mulheres novas experiências com as quais não tinham familiaridade, como “[...] *criar uma associação, organizar atividades, angariar recursos, mobilizar novas associadas, enfim, as muitas atividades que envolviam esse tipo de trabalho voluntário estão na origem de uma nova experiência nesse espaço intermediário entre o público e o privado*” (MARTINS, 2015, p. 26). Dessa maneira, seguindo a argumentação de Tânia Andrade Lima (1997) sobre as mulheres do século XIX, consideramos que essas cerimônias sociais acabavam transformando-se em espécie de trampolim social para conquistas na arena pública, construindo um poderoso campo de ação, possibilidades e plataforma para novos papéis sociais que as mulheres poderiam assumir.

Essa participação das mulheres, no espaço público representada no Jornal, nos indica duas características relacionadas à apresentação das feminilidades na coluna social. A primeira em relação à vinculação dos nomes dessas mulheres sempre acompanhados de adjetivos e elogios como simpatia, beleza e elegância, que ao serem associados apenas às figuras femininas contribuía para a constituição de uma feminilidade “ideal”. O segundo ponto, seria como essa presença pública da mulher não era creditada a todas, mas sim a um tipo feminino que se alinhava a esse modelo de feminilidade. De acordo com Ana Paula Vosne Martins (2015, p. 26), a educação, a disciplina e o trabalho com obras de assistência e caridade eram condições que proporcionavam a participação feminina nos meios públicos.

Além disso, os conteúdos da coluna social se colocavam a descrever as vestimentas e os penteados exibidos pelas mulheres nas festas sociais. Esse tipo de conteúdo privilegiava a atenção às cores, às joias e às peles de animais usadas, descrevendo e associando os modos de vestir a valores que identificavam e distinguiam as figuras femininas da “alta e boa sociedade” das demais personalidades que circulavam no espaço urbano, ao mesmo tempo em que as caracterizava como objetos de admiração e apreciação pela sua beleza como peças que

Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil

complementavam a beleza dos ambientes. Assim, no trecho publicado em 20 de junho de 1967, eram comentados e elogiados tanto a beleza da decoração da reunião festiva, como das vestimentas das mulheres:

No acontecimento, predominava a elegância das Damas Rotárias que se apresentaram com elegantes toaletes, dando aquele colorido tão necessário as pedidas sociais. A elas, Damas Rotárias, cabem os elogios pela fina ornamentação que se notava no ambiente festivo daquela inesquecível reunião. O ápice da reunião, foi sem dúvida, quando apagaram o bolo de aniversário de fundação.

Uma coincidência que notamos: As senhoras, E. de C. (Primeira Dama do Município) e a Sra. A. S. (Presidente da Comissão das Damas Rotarianas) trajavam-se na mesma cor: amarelo e sentaram-se lado a lado. Atentem ao detalhe: Dna. E. tinha a gola de seu vestido em pele de castor. Dna. A. ostentava colar de pérolas de quatro voltas (Folha do Norte do Paraná, n. 1319, 20/06/1967, p. 4).

Por meio dessas apresentações das “damas”, da vinculação do nome de seus maridos, o que as associava a uma figura masculina, da descrição de suas atividades sociais e da publicação de suas fotografias, destacando suas roupas, seus cabelos arrumados sempre de maneira seguindo um padrão, podemos identificar como esses eram aspectos que contribuíam à atribuição de um elo e uma identidade comum a essas mulheres. Como pontua Ana Cristina Silva (2013), sobre as pesquisas em periódicos, compreendemos que trabalhar com a imprensa diária, muitas vezes é lidar com repetições que possuem um caráter imediato, de fácil assimilação, que possuem um papel pedagógico e divulgador de padrões. Sendo assim, ao introduzir essas senhoras em suas colunas, o Jornal as colocavam como exemplos a serem seguidos, como modelos que mais se aproximavam de uma feminilidade “ideal”, como um conteúdo de rápido e de fácil compreensão pelas/os leitoras/es.

Ademais, com base em notas como a publicada no dia 5 de julho de 1967, notamos um investimento na orientação do comportamento feminino em eventos sociais. Dessa maneira, é divulgado a realização de cursos de etiqueta ministradas

[...] para senhoras e senhoritas um “Curso de Aperfeiçoamento em Etiqueta Social” (tico SOCILA) no momento em que, ladeada por alunas, explicava a posição correta de como segurar um copo e como apanhar algo numa requintada social ou mesmo na vida comum. Tita,

Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil

tem sob sua responsabilidade quarenta nomes dos mais destacados de nossa sociedade. As aulas são registradas no Maringá Clube (Folha do Norte do Paraná, n. 1333, 5/7/1967, p. 4).

A divulgação de cursos como esse, cujos objetivos eram aperfeiçoar e educar o comportamento das mulheres em eventos sociais, nos sugere como a etiqueta social se constituía em um elemento de distinção e de diferenciação dessas mulheres que compunham ou buscavam compor a “alta e boa sociedade”. Além disso, ao serem associados apenas às figuras femininas, esses cursos as diferenciavam tanto dos perfis de masculinidade, quanto de outros de feminilidades que se complementavam e se interseccionavam com base em aspectos como a classe, raça, etnia, geração, etc. Nesse contexto, a educação, o compartilhar de uma série de gostos, de padrões de consumo e de conduta, de valores éticos e morais são compreendidos como aspectos que promoviam, estimulavam e designavam diferenciações entre esse grupo apresentado na coluna social e os demais grupos humanos maringaenses.

Como argumenta Pierre Bourdieu (2007) acerca dos bens e das necessidades culturais, eles se constituem como elementos que distinguem e hierarquizam os indivíduos. Assim, entendemos que vestimentas femininas, trajes formais, vestidos longos, viagens de férias, eventos e bailes em clubes sociais, normas de etiqueta, debutar social, entre outros elementos, também faziam parte de um aparato e investimento na distinção social e na apresentação de si, buscando atender às demandas e às convenções de um grupo colocado como a “alta e boa sociedade”.

Não podemos, no entanto, simplificar nossa análise e tomar o discurso do Jornal como uma apresentação fiel e completa dos modelos femininos que circulavam em Maringá e região, entre os anos 1960 e 1970. Desta feita, apesar de dar enfoque a uma forma de feminilidade “ideal”, que conjugava aspectos mais tradicionais em relação ao papel social da mulher, notamos também que, em notas publicadas esporadicamente, algumas senhoras estavam envolvidas em outras atividades, como a apresentada em 6 de novembro de 1966, em que é divulgado que

A Srta. Maria Homi Kinashi, Candidata a Deputada Estadual está por nosso intermédio, estendendo a todas as senhoras e senhoritas da sociedade maringaense e da região, um convite para comparecerem hoje, às 15:00 horas ao salão do Indaiá Hotel para debaterem

Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil

problemas da mulher moderna frente a atual conjuntura política (Folha do Norte do Paraná, n. 1146, 6/11/1966, p. 4).

Essa nota nos traz informações como a candidatura de uma mulher a deputada, em plena ditadura, e a reunião de mulheres para discutirem problemas políticos. Dois aspectos, que, dado ao seu contexto e a realidade feminina de sua época, destoavam das condições da maioria das mulheres, principalmente das representadas na coluna social. Nesse sentido, se, por um lado, esse trecho do Jornal parece progressista ao divulgar tal evento, a falta de informações e o pouco destaque dado a esse episódio nos provoca algumas questões como: –Quem eram essas senhoras e senhoritas da sociedade? –Quais os problemas da “mulher moderna”? –Como era sua relação com a política? –Quem era Maria Homi Kinashi?

Sobre a candidata Maria Homi Kinashi conseguimos algumas informações, como seu envolvimento com a União Maringaense dos Estudantes Secundaristas (UMES), em 1961, como candidata a presidente da instituição, bem como seu trabalho como juíza a partir da década de 1970. Durante a sua candidatura para o cargo de deputada estadual em 1966, Maria estava filiada ao partido da Arena, sendo a única mulher a se candidatar naquele pleito eleitoral⁸. De acordo com a nota anterior, sobre sua reunião com um grupo de mulheres, podemos inferir como sua candidatura visava polarizar o eleitorado feminino paranaense, convergindo para si os anseios e os votos das mulheres. Mesmo assim, ao final da campanha, a derrota eleitoral aponta para um problema, ainda hoje atual, em relação à representatividade feminina na política, isto é, a conquista efetiva de cargos pelas candidatas.

Ademais, vejamos como o texto acima, além de marcar a participação feminina na política, também indica a reunião de um grupo de mulheres para discussão dos problemas da “mulher moderna” e sua relação com a conjuntura política. Esses elementos nos apontam para como a realidade na qual o Jornal se inseria era complexa, sendo abordada de forma parcial e influenciada por sua linha editorial. Além disso, consideramos, de acordo com o conceito de maneiras de fazer, propostos por Michel de Certeau (2014, p. 45), que o conteúdo e as orientações da coluna social

⁸ Cf. Diário do Paraná, n. 3375, 23/10/1966, p. 2.

Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil

eram manipulados e (re)apropriados pelos sujeitos à sua maneira, ou seja, de acordo com suas experiências e condições sociais.

Este modelo de uma feminilidade “ideal” apresentado na coluna social seria apenas uma das muitas formas de apresentação do feminino. Essas imagens das “damas da sociedade”, veiculadas e evidenciadas no Jornal, como passiva, bela e zelosa, seriam uma homogeneização irreal, constantemente questionada pela existência de mulheres como a candidata Maria Homi, como a médica pediatra Thelma, as mulheres donas de boutiques, casas de moda, costureiras e professoras, mencionadas em outras notas sociais, que, além das funções domésticas e do privado, transitavam e trabalhavam no espaço público, historicamente construído como um ambiente masculino.

O exemplo dessa multiplicidade de apresentações do sujeito feminino na sociedade pode ser encontrado no próprio conteúdo do Jornal. Por esta razão, nos debruçamos na análise de outro modelo de feminilidade, oposto à figura das “senhoras da sociedade”, que seriam as prostitutas representadas na coluna policial. Temos em vista que os discursos acerca dessas mulheres estão em diálogo com representações historicamente construídas, como indica Magali Engel (1988, p. 12-13) ao argumentar como essas mulheres se tornaram um problema de saúde pública, no Rio de Janeiro, do século XIX. Segundo a autora, as falas médicas as descreviam e as legitimavam como uma sexualidade pervertida, desviante e antinatural. Nessa perspectiva, tais figuras deveriam ser controladas e isoladas do restante da população, principalmente dos ambientes considerados familiares, uma vez que elas eram tidas como perigo de corrupção aos valores morais.

A partir do entendimento do processo de constituição da prostituição como problema social e moral, procuramos investigar como os discursos das notas policiais do Jornal – único espaço das edições dedicado a comentar ou mencionar as prostitutas – contribuíram para a construção e a manutenção de uma visão condenatória, controladora e disciplinadora da prostituição entre os anos de 1960 e 1970. Além disso, acreditamos que essas feminilidades apresentadas pelo periódico se colocavam em complementaridade, negociação e trocas, ainda, que apresentadas de maneira hierarquizada e contraditória pelo discurso da Folha do Norte do Paraná.

Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil

Ao analisar os discursos do Jornal, sobre a prostituição em Maringá, consideramos que esses eram constituídos em diálogo com as narrativas sobre a cidade, principalmente, aquelas que buscavam a construção de um espaço urbano ordeiro, moderno, centro do desenvolvimento regional, fundado a partir de um processo de ocupação planejado e racional, erguido pelas figuras heroicas dos pioneiros. Nesse sentido, consideramos que as notas da Folha do Norte do Paraná influenciavam no tratamento dado às prostitutas na cidade. Ademais, questionamos o enfoque do conteúdo do periódico e das medidas policiais em relação à prostituição. Consideramos que os interesses, nessas ações, estariam ligados à formação e à influência dos elementos religiosos na constituição da comunidade maringaense, bem como do Jornal.

Neste contexto, identificamos que o tratamento dispensado às mulheres apreendidas compreendia ações como as “deportações” para outros municípios. Como podemos observar na nota veiculada em 29 de janeiro de 1966, que comentava a deportação de algumas “doidivas” e apresentava o local onde o exercício da prostituição poderia ser admissível – a Zona do Meretrício ou Vila Marumbi:

A medida da Polícia tomará, segundo Sr. Haroldo Castro, para combater o ‘trottoir’ será a deportação das doidivas detidas para outras cidades, onde existem zonas de meretrício. O fechamento da Vila Marumbi, na opinião do comandante da 13ª RPM, é inoportuno, já que o fechamento de zonas localizadas nas cidades adjacentes a Maringá provocaram a evacuação para o setor local, e conseqüentemente não há acomodações (Folha do Norte do Paraná, n. 928, 29/1/1966, p. 2).

O texto acima indica a movimentação das “doidivas”, que, pressionadas e deportadas pela polícia, transitavam por diferentes cidades. Com base nos argumentos de Ivonete Pereira, em seu estudo sobre a prostituição em Florianópolis entre os anos 1900 e 1940, concebemos esse deslocamento como uma forma de resistência e de sobrevivência adotadas por essas “mariposas”. Inseridas em uma sociedade que valorizava a virgindade e o recato feminino, as “mulheres da vida” não usufruíam de proteção pública, visto que a sua relação com o poder policial pressupunha a repressão. Ao serem desqualificadas dessa maneira, as prostitutas buscavam garantir a sua existência por meio de mecanismos e estratégias como a

Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil

mobilidade, “[...] que, ora por pressão dos vizinhos, ora por pressão de polícia, ou ainda por conveniência, constantemente mudavam de residência, afastando-se cada vez mais do centro da cidade, que, mesmo lentamente, urbanizava-se e exigia a ‘limpeza’ dos locais” (PEREIRA, 2004, p. 21).

A partir do objetivo de dar visibilidade e de restringir os locais de prostituição, o Jornal, constantemente, veiculava algumas notícias informando sobre as batidas policiais como a relatada na matéria “*Delegado Comandou ‘Blitz’ na Cidade*”, de 8 de outubro de 1969, na qual um conjunto de autoridades policiais “[...] realizou diversas ‘blitz’ em nossa cidade, principalmente nos lugares onde as queixas eram feitas com maior frequência” (Folha do Norte do Paraná, n. 2007, 8/10/1969, p. 7). Em seguida apresenta os locais verificados pela polícia:

A primeira “batida” foi num dormitório situado na Rua Neo Alves Martins, onde prendeu as mundanas [...]. A segunda foi no “manjado” Kanekinho, prendendo uma menor que trabalha no Restaurante Estoril e as mulheres [...] as quais praticavam o “trottoir”. O “inferninho” existente na Praça Rocha Pombo foi o terceiro lugar onde a “blitz” comandada pela delegacia de Polícia de Maringá efetuou a prisão dos indivíduos [...] e das mulheres (Folha do Norte do Paraná, n. 2007, 8/10/1969, p. 7).

315

A divulgação dos nomes dos locais investigados pela polícia sob a suspeita de favorecerem a prostituição permitia que os leitores do Jornal tomassem conhecimento e identificassem as zonas de meretrício. Nesse sentido, as demarcações desses lugares se constituíam em uma das peças importantes no jogo de visibilidade que, segundo Michel Foucault (2004, p. 167), tem por função garantir a vigilância constante dos sujeitos, sendo este o princípio identificado na estrutura do panoptico. Essa estratégia disciplinar proporcionava, portanto, a observação, o registro, a classificação, o controle das atividades e uma distribuição espacial funcional da população.

Esses trechos nos indicam outras duas características das notas policiais no que se refere ao tratamento dispensado à prostituição. Em primeiro lugar, encontramos a busca do Jornal por identificar e apresentar, em suas matérias, os locais onde as “prostitutas” circulavam, bem como de afastá-las das áreas centrais da cidade. Dessa maneira, o periódico denunciava sua movimentação na cidade e

Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil

identificava esses sujeitos, contribuindo para a fixação de linhas demarcatórias entre duas feminilidades opostas, ou seja, aquela das “damas” e aquela outra das “vadias”. Demarcava, também, os espaços urbanos em que essas mulheres circulariam, isolando a prostituição distanciando-a dos ambientes centrais e familiares de Maringá.

Em segundo lugar, a forma como esses discursos construía a prostituição indica que essa prática era considerada maléfica, e que devia ser combatida como uma doença que infectava a comunidade maringaense. Nessa perspectiva, seguindo as proposições de Magali Engel (1988, p. 27.), acreditamos que o discurso da Folha do Norte do Paraná, assim como o discurso médico, também constituía o meretrício como um problema, um obstáculo à moralização e à higienização do corpo e da sociedade.

Ao caracterizar a prática da prostituição, o Jornal, mesmo sem se dedicar a descrever ou falar especificamente das subjetividades das prostitutas, focalizava seu discurso, principalmente, nas regulações e nas tentativas de controle, vigilância e disciplinarização dessas mulheres. Isso nos permite inferir como as suas feminilidades eram apagadas, silenciadas e negligenciadas, visto que se afastavam e contradiziam um modelo feminino que se buscava “ideal”. Ou seja, as “mulheres da vida”, ao não se encaixarem nos moldes do recato, da maternidade, do casamento, entre outros aspectos associados às figuras femininas, apresentavam uma leitura divergente acerca dessas normativas, como aponta Gilberto Velho sobre o comportamento desviante:

[...] em qualquer sociedade ou cultura, existe uma permanente margem ou áreas de significado “aberto” onde possam surgir comportamentos divergentes e contraditórios [...] Ou seja, não só é preciso atentar para as diferentes visões de mundo dos grandes grupos sociais mas é preciso tomar cuidado com a tendência de homogeneizar, arbitrariamente, comportamentos dentro desses grupos (VELHO, 2003, p. 22).

A partir dessa perspectiva, consideramos que essa outra feminilidade apresentada pelas prostitutas estava inserida no contexto social de Maringá, assim como o modelo feminino “ideal” e outras *performances* apresentadas pelas mulheres dessa cidade. Além disso, tanto as “damas” como as “vadias” representavam dois

Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil

extremos de uma realidade complexa e diversa, no que se referiam à constituição das feminilidades pelas mulheres.

Outra interdição que percebemos em relação ao discurso da coluna policial acerca da prostituição se encontra no silenciamento das subjetividades das prostitutas, de suas formas de comportamento, de seus gestos, de suas maneiras de falar e de seus trejeitos. Essa característica do conteúdo do Jornal nos indica como as prostitutas eram definidas e enxergadas pela sociedade apenas pelo aspecto da prostituição, sendo apagadas as suas vivências para além do encontro com o poder policial e da repressão. Era silenciado o que mais essas mulheres poderiam dizer sobre o seu cotidiano, uma vez que elas estariam fora da ordem do discurso, por não participarem ou não cumprirem os rituais compartilhados pelos membros que construam o periódico.

A partir dos aspectos discutidos podemos relacionar os posicionamentos do Jornal em relação à prostituição, com o que Sidney Chalhoub (2001, p. 53.) abordou ao apresentar o cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro no início do século XX. Segundo o autor, as mudanças demográficas e a construção do capitalismo no contexto brasileiro produziram discurso de combate à ociosidade, acentuando a positividade do trabalho e as tentativas de disciplinarização da população. Dessa forma, cremos que o crescimento urbano de Maringá, entre os anos 1960 e 1970, bem como a busca por desenvolvimento econômico da cidade, contribuíram para o processo de repressão a sujeitos ditos “desviantes”, como as prostitutas.

Nessa perspectiva, eram organizadas formas de controle dessas mulheres, que não se encaixavam no modelo de feminilidade “ideal” e aceita socialmente, controle esse, considerado necessário à concretização de uma sociedade ordeira. Com vistas à adequação das prostitutas a esse projeto social, as ações dos agentes policiais e do Jornal buscavam identificar, vigiar, impor leis e padrões de condutas às “mundanas”.

Dessa maneira, a Folha do Norte do Paraná tinha a preocupação, em suas notas, de apresentar os sujeitos e os lugares onde eles circulavam. Esse procedimento, como inferimos, contribuía na fixação e na associação de indivíduos e espaços, criando uma oposição entre os ambientes em que as “senhoras da sociedade” e as “meretrizes” frequentavam, como se elas nunca se encontrassem, como se não vivessem na mesma cidade. Essas construções discursivas

Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil

materializadas no conteúdo do Jornal procuravam organizar e ordenar a urbe, distribuindo a população em seus devidos espaços, facilitando seu controle e vigilância.

Na Folha do Norte do Paraná, portanto, enquanto uma feminilidade associada à elegância era celebrada e elogiada nas páginas sociais, as feminilidades representadas pelas mulheres envolvidas em casos de prostituição, que transgrediam os “bons” modos, as normas de etiqueta, o “bom gosto”, a colaboração e o desenvolvimento para a construção de uma cidade moderna e organizada, eram apresentadas como figuras perigosas para a ordem e a moral personificadas pelas “senhoras da sociedade”.

Considerações Finais

Neste artigo, percorremos as páginas da Folha do Norte do Paraná e por meio delas tivemos acesso, ainda, que parcialmente, aos salões e bailes sociais, às sociabilidades, às vestimentas, aos modelos de comportamento, ao dito e não dito sobre as mulheres da sociedade maringaense. Não podemos, no entanto, simplificar nossa leitura e acreditar na existência simples e horizontal de apenas essas duas feminilidades. Temos de ter o cuidado de compreender a multiplicidade de sujeitos, o modo de funcionamento do Jornal, bem como compreender que seu conteúdo era assimilado de diferentes maneiras pelas/os suas/seus leitoras/es, respondendo às suas experiências pessoais. Sendo assim, consideramos, durante toda a nossa análise, dois aspectos que marcam e limitam a nossa pesquisa, quais sejam, a complexidade e sociedade em paralelo à parcialidade do periódico, que, de forma alguma, abarcaria a todas as vivências presentes em seu contexto.

Dessa maneira, compreendemos que a coluna social buscava divulgar padrões e orientações que serviam de exemplo e modelo a todos os que tomassem contato com seu conteúdo. Notamos, que a difusão de um modelo de feminilidade “ideal”, atravessada pela questão de classe, que reunia características como beleza, elegância, simplicidade, pureza, piedade, abnegação, delicadeza, recato, moderação, entre outros aspectos, que eram considerados “ideais”, visto que eram empregados pelo colunista como elogios.

Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil

A coluna policial, por sua vez, espaço do Jornal destinando a abordar as transgressões de crimes diários, ao tratar da prostituição e das “vadias” abordava aspectos como a repressão, a condenação e o desvio moral, silenciando outros elementos que compunham as subjetividades dessas mulheres. Assim, neste texto, enquanto podemos conhecer com detalhes os trajes e as sociabilidades das “senhoras da sociedade”, as “mulheres da vida” ainda nos são uma incógnita em relação à qual a imaginação pode responder a questões como sua origem, trajetória de vida, entre outros detalhes que permeavam suas histórias.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Editora da USP, 2007.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botiquim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

CHIES, Cláudia; YOKOO, Sandra Carbonera. Colonização do Norte Paranaense: avanço da cafeicultura e problemas decorrentes deste processo. **Rev. GEOMAE**. v. 3, n. 1, p. 27-44, 2012.

CORDOVIL, Fabíola Castelo de Souza. **A aventura planejada – engenharia e urbanismo na construção de Maringá 1947-1982**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade São Paulo, São Carlos, 2010.

ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

FÁVERI, Marlene. **Moços e moças para um bom partido (a construção das elites de Itajaí, 1929-1960)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

LIMA, Tânia Andrade. Chá e simpatia: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 5, p. 97-127, 1997.

Dossiê: Ensino de História, História das Mulheres e Desigualdades Sociais no Brasil

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes históricas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 113-153.

MARTINS, Ana Paula Vosne. A feminilização da filantropia. **Revista Gênero**, v.15, p. 13-28, 2015.

PAULA, Antônio Roberto de. **O jornal do bispo**: a história da Folha do Norte do Paraná. Disponível em: <<http://jornaldobispo.blogspot.com/2010/04/livro-o-jornal-do-bispo-historiada.html>>. Acesso em: 25 jan. 2018.

PEREIRA, Ivonete. **“As decaídas”**: prostituição em Florianópolis (1900-1940). Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 2004.

OLIVEIRA, Semí Cavalcante de. A economia cafeeira no Paraná até a década de 1970. **Vitrine da Conjuntura**, Curitiba, v. 2, n. 4, 2009.

REGO, Renato Leão. O desenho urbano de Maringá e a idéia de cidade-jardim. **Revista Acta Scientiarum**, Maringá, v. 23, n. 6, p. 1569-1577, 2001.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. **Cadernos Pagu**, n. 3, p. 11-27, 1994.

SILVA, Ana Cristina Teodoro da. Introdução à análise das imagens da imprensa. In: PÁTARO, C. S. de O.; HAHN, F. A.; MEZZOMO, F. A. (Orgs.). **Instituições e sociabilidades**: religião, política e juventudes. Campo Mourão, PR: Editora Fecilcam, 2013. p. 107.

320

TOMAZ, Paulo César. A região norte do Paraná e a formação da cidade de Maringá. **Revista Semina**, v. 8, n. 2, p. 1-19, 2010.

VELHO, Gilberto. O estudo do comportamento desviante: a contribuição da antropologia social. In: VELHO, Gilberto. **Desvio e divergência: uma crítica da patologia social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 200